

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PUC/COGEAE

Sergio Ricardo Bublitz

A exclusão social dos idosos na contemporaneidade e seu
cotidiano em uma casa de repouso.

São Paulo

2013

Sergio Ricardo Bublitz

A exclusão social dos idosos na contemporaneidade e seu
cotidiano em uma casa de repouso.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de História,
Sociedade e Cultura para obtenção parcial
do grau de Especialização em História.

Orientador: Josias Abdalla Duarte.

São Paulo

2013

Sergio Ricardo Bublitz

A exclusão social dos idosos na contemporaneidade e seu cotidiano em uma casa de repouso.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de História, Sociedade e Cultura para obtenção parcial do grau de Especialização em História.

Aprovado em: _____

ORIENTADOR: Prof. Josias Abdalla Duarte

Àqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para tornar possível a sua concretização, seja na orientação, no incentivo ou no estímulo. Somente assim, tivemos condições de refletir e elaborar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus... Ele sabe o porquê!

RESUMO

Sendo a velhice uma realidade presente em nosso dia-dia, notamos diariamente que nossa sociedade não esta preparada para conviver com esta nova realidade. Isso pode ser observado quando passamos a analisar o verdadeiro significado de alguns termos classificatórios de idade como, por exemplo: terceira idade, que ao chegar em território brasileiro esvaziou-se completamente de seu significado inicial. Tendemos a julgar os outros pela idade, mas ao nos cobrarem tais adaptações demoraram a aceitar. Outro fator que vem de encontro com esta temática é o total despreparo que as grandes cidades, oferecem a este segmento. Abordaremos ainda alguns aspectos que contribuem para a exclusão social das pessoas idosas no Brasil. Por fim, tentaremos entender também o porquê da sociedade contemporânea cada vez mais rejeitar a velhice, uma vez que as grandes propostas apresentadas no campo cultural, econômico ou de desenvolvimento, entre outros, são em sua maioria, direcionadas para uma população mais jovem, acarretando um processo que faz com que a juventude seja cada vez mais valorizada e a velhice torna-se um problema secundário.

Palavras-chaves: acessibilidade, terceira idade, idoso, exclusão social, Welfare State.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O QUE É VELHICE	11
1.1 TERMOS, CONCEITOS E POLITICAS SOCIAIS DESENVOLVIDAS NA EUROPA E SUAS INTERPRETAÇÕES, AO CHEGAR A NOSSO PAÍS	16
1.2 CRIAÇÃO DO TERMO IDOSO	18
1.3 CRIAÇÃO DO TERMO TERCEIRA IDADE.....	19
1.4 O ESVAZIAMENTO DE SIGNIFICADO DE ALGUNS TERMOS AO CHEGAREM AO BRASIL	20
1.5 O QUE FOI A POLITICA DO WELFARE-STATE E SUA INTERPRETAÇÃO AO CHEGAR A NOSSO PAÍ.....	22
1.6 EM PERSPECTIVA: O WELFARE-STATE BRASILEIRO E O ATUAL DESCASO COM A SAUDE PUBLICA, SOBRETUDO AOS IDOSOS.....	23
2 ASPECTOS QUE CONTRIBUEM PARA A EXCLUSÃO SOCIAL DO IDOSO	26
2.1 A FALTA DE PREOCUPAÇÃO COM A SAUDE DOS IDOSOS	28
2.2 DESRESPEITO AOS IDOSOS E ACESSIBILIDADE	30
3 ESPAÇOS DE MEMORIA: RELATOS, DEPOIMENTOS E ANALISE DO COTIDIANO EM UMA CASA DE REPOUSO	36
3.1 ADAPTAÇÕES AO NOVO LAR	39
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXO	48

LISTA DE IMAGENS E GRÁFICOS

Imagem 1	26
Imagem 2	30
Imagem 3	32
Imagem 4	33
Imagem 5	33
Imagem 6	36
Gráfico 1	24
Outras imagens em anexo	58

Introdução:

O presente trabalho tem como objetivo tentar esclarecer, até que ponto existe ou não dificuldades no cotidiano daqueles que nasceram na década de 1930, sobretudo na cidade de São Paulo. Para desenvolvermos esta pesquisa, utilizamos algumas referencias bibliográficas (que relatem o que é a velhice e suas consequencias). Que trabalhem esta temática.

Desta maneira, este trabalho divide-se em três etapas, ou capítulos.

No primeiro capitulo: tentaremos entender o que é a diferença entre: o que é ser velho? E sentir se velho, para isto utilizamos dos filósofos, a primeira Simone de Beauvoir, que trabalha com as divergências entre sentir-se velho e tornar-se velho, alem das dificuldades encontradas no cotidiano, uma vês que a sociedade contemporânea, esta pouco preocupada com as questões relacionadas à velhice. O segundo filosofo, Jean Paul Sartre, tentara analisar os conflitos existenciais destes indivíduos, uma vez que estes não se sentem velhos, porem a sociedade, cobra lhes um comportamento “adequado” ao que compreende por ser correto com a postura de um velho. Alem disso, utilizaremos a autora Ecléa Bosi, denunciando as consequencias em envelhecer em uma cidade projetada para os jovens, onde assim, tenta se destruir a memória dos velhos, e algumas casas até reprimindo esta população quando tentam se expor.

Outro aspecto interessante neste primeiro capitulo, se deve a construção social de alguns termos, (idoso, terceira idade, entre outros) conceitos e políticas sociais, (sobretudo como o Welfare-State) desenvolvidas na Europa, (onde foi desenvolvido para tentar amenizar problemas graves causados e agravados com o fim da segunda guerra mundial) e sua interpretação e adaptação a realidade social de nosso país. E uma vez que este Estado Protetor, tem como finalidade amenizar os problemas relacionados a moradia, saúde, e previdência social, tentaremos demonstrar através de noticias atuais se este plano esta sendo posto em pratica e como se relaciona ao atual descaso com a saúde publica do nosso pais, sobretudo para o grupo dos idosos.

No segundo capitulo, tentaremos entender, algumas ações, que reforçam o preconceito e o descaso social com a saúde dos idosos. Sabendo que pouco se fala em doenças relacionadas à velhice como o Alzheimer e o mal de Parkinson, e quando ouvimos falar, sempre se deve ao fato de o individuo já estar com suas consequencias, deixando de lado os motivos que reforçam sua presença.

Falando ainda de saúde, tentaremos compreender o que acessibilidade, (de forma teórica) e como esta se configura na prática, no cotidiano das ruas da cidade. Além disso, saberemos se noção de família, ainda se concretiza na cidade e como está vivendo os idosos, diante de tantas transformações estruturais, como a verticalização da cidade.

A última parte deste trabalho, ou o terceiro, capítulo: (Espaço de Memória: relatos, depoimentos e análise do cotidiano em uma casa de repouso.) se refere a uma pesquisa realizada em um lar para idosos, localizado na região de Mairiporã, conhecido pelo nome de Lar dos Velhinhos Fanfarrões, neste ambiente tentaremos entender através de pesquisa (História oral, análise de Memórias e prontuários), como é o cotidiano daqueles que restaram apenas à possibilidade de viver neste abrigo. Assim, nesta última parte, tentaremos entender a problemática da velhice, e como se adequar a esta nova situação, para isto, utilizarei o relato de um dos idosos ali internado, (preferimos manter um nome fantasia como: João Domingos, por conselho da psicóloga da casa de repouso) além de entrevistar a família de uma das idosas ali presentes(seu filho seu Benê e falando sobre sua mãe) demonstrando no decorrer da entrevista que tentou de diversas maneiras, manter sua mãe consigo, porém não restou outra alternativa a não ser internar sua mãe.

Por fim, no decorrer das entrevistas, utilizarei as análises clínicas da senhora enfermeira Karen e da psicóloga Ana P. Honda, para compreender o cotidiano destes idosos.

1.O que é a velhice?

As etapas da vida, vividas ou o desenvolvimento de nossa existência, sempre percorreu o mesmo caminho, ao quais todos nós conhecemos, e passaremos , sendo este, o nascimento e morte, onde mesmo não adianta se quer tentar modificar, restando apenas, a alternativa de aceitar e suas fases, desde a infância até a chegada da velhice.

Sendo este, um caminho comum, ao qual toda a humanidade, (mesmo seguindo caminhos diferentes), não deixara de atingir, onde mesmo sabendo que a velhice é uma etapa que todos (os que chegarem lá), passarão, mas sua chegada, sempre é motivo de muito espanto, pois ao se apoderar de nossa vida, nos levam a inúmeros conflitos, principalmente sociais e existenciais, deixando inúmeras perguntas, e sobre esta temática afirma a filósofa francesa Simone de Beauvoir: *“A velhice é um destino que nos deixa estupefatos quando se apodera de nossa vida. (A velhice, pag. 7.)*

O desenrolar do tempo sempre nos trouxe grandes surpresas, por oferecer uma nítida metamorfose em nosso corpo (assim ocorre na passagem da infância para a adolescência e depois ao alcançar a fase adulta) tornando sempre aceitável, e facilmente aceita por oferecer mudanças em nosso corpo, mas devido ao fato de sempre ser relacionada a fatores não muito favoráveis, ao contrario das fases anteriores, a velhice nem sempre é percebida pelo individuo, causando lhe estranheza, ao ser cobrado a agir de acordo com esta nova etapa, desta forma Simone de Beauvoir questiona; *“O que foi mesmo que passou?” (A velhice pag. 7.)*, esta estranheza se deve ao fato de ter que se comportar diferente mesmo sendo a mesma pessoa.

As etapas da vida alcançadas uma após a outra, (Apesar de ser uma experiência individual e subjetiva) nem sempre são alcançadas de forma a ser percebidas pelos os que as vivenciam, e sim de uma relação entre eu e o outro; *“... em mim, o idoso é o outro, isto é aquele que eu sou para os outros...” (A velhice pag. 8.)*

Muitas vezes, somos julgados a deixar de se comportar como crianças, tendo agora uma cobrança social que a todo instante nos observam, fazendo-nos “adquirir” uma nova maneira de se comportar e sem perceber, alcançamos novas fases, até quando a cobrança passa a ser cada vez maior, fazendo com que você tenha que se comportar de acordo com sua nova fase, a fim de manter o respeito, agindo de acordo com sua nova etapa.

Desde a infância. Quando não se tem maiores cobranças, chegando ao “fim”, rapidamente. Mesmo que o sujeito ainda não sinta em seu organismo tais transformações.

Iniciamos agora a juventude, (muitas vezes de maneira rápida e sem perceber a importância desta fase), a chegada da idade adulta, sendo esta marcada pelas cobranças feitas por uma sociedade, há qual muito valoriza a capacidade de adquirir bens. Chegando assim, a velhice, etapa que mesmo que seu organismo ainda não a reconheça, ela através do olhar do outro faz com que o indivíduo passe a se conformar com esta nova realidade.

Estas relações, a qual a sociedade vem diferenciando as categorias de idade, fez com que o indivíduo deixa-se a idade adulta, onde até então deixou de lado a infância e adolescência para viver de acordo com a fase, onde em cada uma delas, teve que se adequar a maneira de agir, de se vestir, superar problemas, e também toda a liberdade que adquiriu ao longo de seu desenvolvimento. Tudo isto, fez com que cada vez mais, o indivíduo sentir-se forte aproveitando de toda a liberdade que conquistou.

Sabendo-se que as etapas da vida são formadas por relações com o outro, a tradição fez com que o indivíduo fosse cada vez mais, se adaptando as novas exigências. A fase adulta fez com que o indivíduo se sentisse independente, mas os anos vão se passando, e a sociedade se modificando e o indivíduo que até então experimentou em seu cotidiano as vantagens que adquiriu até então. Esta nova sociedade, que ao longo dos anos foi se formando, começa também a cobrar um novo comportamento deste indivíduo, ele que até então acostumado a não questionar tais padrões sociais, assusta-se ao ser cobrado a se adaptar a um novo comportamento, e diante desta nova forma de classificação, faz com que ele sintam-se irritado, por que até então também ele também fazia parte de um grupo que sempre identificou no outro a velhice, desta maneira Simone de Beauvoir relata em sua obra:

“as pessoas sempre se sobressaltam ao se ouvirem qualificar lhes de velha pela primeira vez, observa C.W. Holmes. Aos 50 anos, estremeci ao ouvir uma estudante americana repetir a exclamação de uma colega, mas então Simone de Beauvoir é uma velha!”

(A Velhice pag. 12).

Compreendemos que isto ocorra pelo fato de que nos últimos anos, a sociedade em geral, vem relacionando a palavra velho, a algo que não tem mais utilidade, atribuindo um sentido pejorativo a esta palavra; “A tradição sobrecarregou esta palavra de um sentido pejorativo e ela

soa como um insulto. Assim , quando alguém nos chama de velhos, reagimos frequentemente de maneira irritada.” (A Velhice. Pag. 13).

Os primeiros anos, a serem classificadas desta nova maneira, faz com que as pessoas em geral, não aceitam esta nova condição. Isto ocorre, pelo fato de ainda se sentirem fortes e saudáveis como qualquer outra criança.

Assim dando origem a um julgamento feito pelo o olhar do outro, como que não agissem conforme a idade, e ao passar dos anos tem-se como consequência uma crise de identificação, sentindo se bem como qualquer outra pessoa:

“Para a realidade humana, existir consiste em se temporalizar: No presente, visamos o futuro através de projetos que ultrapassam nosso passado, onde vão recair nossas atitudes, cristalizadas e carregadas de exigências inertes. A idade modifica nosso relacionamento com o tempo: à medida que os anos vão decorrendo, vai se encurtando nosso futuro enquanto o passado vai se carregando. (Beauvoir, Pag. 98)

É importante ressaltar que o idoso não recusa sua idade, muito menos tem uma atitude cética sobre a mesma, porem o conflito ocorre quando o mesmo deve se adequar a padrões organizados de comportamento social, a qual aos poucos torna o velho contra seu contentimento. E sobre isto cita Simone de Beauvoir em sua obra A Velhice, no segundo capítulo (Tempo, Atividade e Historia), a frase do filosofo Frances Jean Paul Sartre: “A maioria dos velhos se acha neste caso; recusam o tempo por não quererem decair; definem seu antigo eu como sendo o eu que eles continuam a ser...” a imagem social atribuída à velhice (quando não esta relacionado a algo sem valor) esta intimamente relaciona a imagem do bom velhinho, não faz com que o individuo aceite naturalmente esta nova identificação como cita Simone de Beauvoir: “ Mesmo que tenham superado a crise de identificação e aceito uma nova imagem de sua pessoa- a boa vovó, o aposentado, o velho escritor- todos conservam lá no intimo a convicção de terem permanecido imutável. (Beauvoir, pag.,99). Tornando o individuo velho, mesmo que seu organismo não tenha sofrido grandes transformações, o convívio social cobra lhe cada vez mais um comportamento “adequado”, de acordo com este novo rotulo, causando lhe uma forte crise de identidade, desta maneira Simone de Beauvoir completa citando os relatos de um senhor de 70 anos: “De boa ou de má vontade, acabamos nos resignando ao ponto de vista dos demais. Aos 70 anos, Jouhandeau admoesta-se a si mesmo; ‘Durante meio século, nunca deixei de ter 20 anos.’” Diferente de quando se tornou adolescente, onde ali viu em seu corpo algumas transformações, fazendo

com que a aceitação de uma nova etapa fosse mais fácil, agora quando começa a conviver com esta nova realidade, além de sentir-se jovem quanto qualquer outro, não vê em seu corpo ou organismo transformação alguma.

As “etapas” da vida, desde a infância até mesmo a chegada da idade adulta e depois a velhice são condições imposta, através de uma relação dialética entre, eu e o outro e estas condições não nos parecem nenhum pouco agradável assumir esta nova identidade como afirma a autora Ecléa Bosi em sua obra: *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*;

“Em nossa sociedade de classes, dilacerada até as raízes pelas as mais profundas contradições, a mulher, a criança e o velho são, por assim dizer, instâncias privilegiadas daquelas crueldades - traduções do dilaceramento e da culpa.” (Bosi. Pag. 11).

Desta relação à sociedade vem diferenciando, as categorias de idade, e desta maneira cobrando um comportamento de acordo com a sua fase. Assim a criança estando em fase de aprendizado onde tudo pode ser repensado. A idade adulta, onde atualmente é considerada a partir do 18 anos, faz com que o indivíduo através da cobrança feito pelo outro, deixa de lado a fase da infância, mesmo contra sua vontade. Assim sua forma de vestir-se, sua forma de agir, superar problemas, e também toda liberdade que agora este jovem faz com que cada vez mais ele se sinta bem com toda esta liberdade.

Toda esta liberdade faz com que o individuo se sinta importante, independente, e cada vez mais valorizado. Agora, está livre para agir de acordo com sua vontade, desta maneira propõe Ecléa Bosi ao escrever sobre este assunto: *“O velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele. (Bosi, pag. 18).*

Isto ocorreu, pelo fato de dos últimos anos, a sociedade em geral, relacionarem a palavra velho, a algo, que não tem mais utilidade, atribuindo um sentido pejorativo a esta palavra.

Os primeiros anos, a serem classificadas dessa nova maneira, as pessoas em geral, ao aceitam esta nova condição, pelo fato de ainda se sentir fortes e saudáveis como qualquer outra criança, dando origem assim a um julgamento feito pelo outro, como que não agissem conforme a idade e ao passar dos anos, tem-se como consequência uma crise de identificação, pois apesar de sentir-se bem como qualquer outra pessoa, mas outra por sua vez, cobra-o que

se comporte de acordo com sua idade, como se fosse um objeto ou um arquivo facilmente formatado ou anulado. E sobre isto afirma Ecléa Bosi em sua obra, *O Tempo vivo da Memória; ensaios de Psicologia Social*: “... *uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.*” (Bosi. Pag. 69).

O indivíduo idosos sentir-se velho, mesmo que seu organismo não tenha sofrido grandes transformações, desenvolve em si uma cobrança, para agir de acordo com este novo rotulo, cansando-lhe uma forte crise de identidade, pois diferente de quando se tornou adolescente que viu em seu corpo algumas transformações, fazendo com que a aceitação de uma nova etapa fosse mais fácil, agora quando começa a conviver com esta nova realidade, além de ainda sentir-se tão jovens quanto qualquer outro não vê em seu corpo ou organismo, transformação alguma. E para agravar estas conseqüências, esta autora afirma que envelhecer em uma sociedade capitalista, é que traz mais sofrimento:

“Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória Vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor.” (Bosi, pag. 19).

1.1-Termos, conceitos e Políticas Sociais desenvolvidas na Europa, e suas interpretações, ao chegar a nosso país.

Antes de fazer qualquer tipo de análise, ou críticas, de alguns conceitos e termos criados na Europa, a fim de amenizar as diferenças sócias, e a maneira com que algumas políticas públicas desenvolvidas por lá, (sobretudo no período Pós segunda guerra) é importante entendermos o conceito histórico e social que estavam inseridos os europeus em geral, no momento da criação destes termos e conceitos políticos.

Para isto, faremos uma breve reflexão no contexto histórico da Europa, passando brevemente pelo o final dezenove e tentaremos compreender principalmente o período após segunda guerra.

Primeiramente, abordaremos alguns termos classificatórios de idade criados na Europa, sobretudo na França e a segunda, parte trataremos dos impactos sociais e políticos trazidos pela política do Welfare State, ou termo este também conhecido como o Estado de Bem Estar Social.

Seguindo a ordem acima mencionada, traremos primeiramente a origem de alguns termos, ou conceitos classificatórios, sobretudo aos que se referem às categorias de idade, desenvolvidos pela sociedade, a fim de desenvolver e diferenciar as categorias de idade como: infância, terceira idade, e velhice e idoso, principalmente aos que estão relacionados ao envelhecimento populacional, despertam o interesse dos franceses desde o final do século 19.

Todas estas preocupações, as quais a sociedade francesa esta engajada desde o século 19, ocorre a fim de promover a integração social entre pessoas de todas as idades, a fim de desenvolverem termos ou conceitos que servissem para distinguirem os velhos, (sendo este termo, não tendo um significado pejorativo) dos mendigos internados nos “depósitos de velhos” e nos asilos públicos (Que desde então, sempre estiveram super lotados). Toda esta preocupação se dava para que cada vez mais, o preconceito fosse diminuindo e conseqüentemente, fazendo com que as relações sociais fossem a cada dia melhorando.

Estando no século 19, a Europa já encontrava se em meio a grandes transformações econômicas e geográficas, a França, por exemplo, possuía em média 25 milhões de habitantes, e deste vinte e cinco milhões, cerca de oitenta por cento da população vivia no campo, trabalhando como camponeses ou artesão. Vivendo em meio a um cenário de industrialização, a Europa, tinha como um todo, um enorme crescimento da população urbana. Em suas grandes cidades entre elas Paris, um aumento populacional muito forte, isto

pelo fato de um grande fluxo migratório de pessoas ter partido do campo para as cidades, a fim de melhorarem as condições de sobrevivência, devido ao fato de que o campo já não mais oferecia as mesmas oportunidades dos séculos anteriores, onde a forma de sobreviver se dava através da agricultura.

A capital francesa passou desde então ser o destino de todos estes cidadãos, devido às novas oportunidades de trabalho, oferecido pelas indústrias, deixando de ser uma economia agrícola. Passando a oferecer melhores condições de vida a indústrias e as grandes cidades. Acarretando em um aumento populacional muito grande, tudo isto fez com que através dos anos, a França passasse a ter sérios problemas sociais, devido à falta de espaço para moradia. Todas estas mudanças fizeram com que a França, desse os primeiros passos com respeito às questões sociais.

Neste novo cenário (industrial), ao qual estava inserida toda a Europa no século 19, ocasionou um rápido aumento populacional e conseqüentemente, ao passar dos anos, vários problemas foram surgindo, entre eles, um grande aumento na população idosa, (com mais de 60 anos de idade).

Desta maneira a França se tornou um dos primeiros países a sofrer com esta nova realidade, pois agora a velhice se tornara uma questão cada vez mais comum, trazendo fortes conseqüências econômicas, que abalaram tanto as estruturas financeiras das empresas, quando posteriormente o estado com o aumento dos pedidos de aposentadorias.

Algumas funções básicas que até então se limitavam as famílias, como por exemplo: a educação das crianças, o tratamento dos familiares doentes, o amparo as pessoas mais velhas etc. com todos estes cenários de transformações, fez com que a família protetora fosse substituída cada vez mais pelo estado protetor, além disso com o passar dos anos trouxe também a interferência política e econômica no cotidiano das populações presente na Europa, desta maneira afirma a autora Maria Lucia Werneck Viana, quando fala de política versus econômica sobre a globalização e Estado de Bem Estar Social:

“Política e Economia constituem esferas do conhecimento cujas fronteiras são extensas e tensas. Os estudos sobre políticas sociais, seguridade social, Welfare State, ou como que se designem os arranjos públicos de proteção social contemporâneos, ilustram bem a extensão e as tensões destas fronteiras.” (Viana, pag. 155).

Todas estas mudanças fizeram com que o estado, fosse reconhecendo a cada ano, suas responsabilidades e diante destas situações, ocasionou também, uma serie de modificações ao

longo do tempo: agora as mudanças sociais fizeram com que as políticas sociais para a velhice fossem criando ao longo do tempo novas categorias classificatórias adaptadas à nova condição social.

Mas embora a velhice tenha merecido desde então a atenção da sociedade e dos poderes públicos franceses, ela só atraiu o interesse das ciências sociais francesas, há algumas décadas.

Todos estes avanços ao qual estava inserida a França fizeram com que o avanço populacional, também seguisse o mesmo ritmo, onde ao longo dos anos o envelhecimento desta população, afetava também a estrutura financeira das empresas, e mais tarde o estado, pois ao chegarem aos 60 anos de idade, as pessoas financeiramente menos favorecidas, não dispunham mais da mesma força e agilidade pra desempenhar as mesmas funções ao qual havia passado boa parte da vida a fazer. O que elevou rapidamente o numero de pessoas aposentadas.

A estas pessoas alguns termos foram atribuídos como: velhotes, mas este termo mesmo aparentando estimular o preconceito não tinha um significado pejorativo, sendo eles também atribuídos aos velhos financeiramente abastados, associando estas características como “bons cidadãos”, bom pai etc.

A cada ano, com o aumento acelerado da população aposentada, devido ao fato de que no final do século 19, mais da metade da população urbana, possuía mais de 60 anos e grande parte não possuía ajuda financeira do estado dependendo apenas, de ajuda dos filhos (aqueles que tinham) ou instituições publicas: financiadas por fundos privados, ao qual eram mantidos por famílias financeiramente abastadas, donos de grandes indústrias e banqueiros.

Agora, a velhice esta associada à decadência e a incapacidade para o trabalho.

1.2 -Criação do termo: “idoso”

Sendo agora a velhice associada a um sentido ruim, sendo esta associada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho ouve a necessidade de se criar uma nova forma de expressão, que afastasse este sentido pejorativo, ao qual estava associado, assim o termo velho fora substituído por novos termos:

Idoso: Agora este termo servirá para agrupar as pessoas com mais de 60 anos de idade, independente de sua classe social. Tornando-se agora, respeitados aqueles que até então era chamado de velhos, transformando-o em um sujeito respeitado.

1.3-Criação do termo Terceira idade:

Tendo a França, já por volta da década de 1960, um forte sistema previdenciário. Sistema este que possibilitava a pessoa a se aposentar, muito jovem, (a partir do trinta anos de idade) sendo assim, antes de alcançar uma idade mais avançada (a velhice).

Desta maneira, a aposentadoria não estando mais relacionada à velhice ou incapacidade de produzir, tornou-se necessário criar um novo termo que tendo como finalidade, distinguir estes novos grupos de jovens aposentados (ao qual variava se entre 35 e 60 anos de idade), dos aposentados mais velhos (acima de 60 anos de idade). Este novo grupo etário passou então a ser chamado por: terceira idade para assim destacar esta nova fase do ciclo de vida entre a aposentadoria e a velhice assim complemente a autora Mirian de Barros e sua obra intitulada: Velhice ou Terceira Idade?:

“Deste modo, a expressão ‘terceira idade’ não é um simples substituto do termo ‘velhice’. O trabalho de classificação é indissociavelmente um trabalho de eufemização e tem por objetivo tornar numerável, ou seja, publico aquilo que ate agora foi rechaçado e não pode se exprimir, como por exemplo, tudo que se relaciona à vida sexual...”

(Barros, Pág.76)

Ao que se refere às estas pessoas aposentadas, a França se distinguia agora em vários grupos etários, e entre eles, podia ser encontrado os grupos da terceira idade, variando entre 35 e 60 anos, acima de 60 anos, sendo então os idosos novos e acima de 75 anos, surge uma nova expressão que era a quarta idade, distinguindo, os idosos novos dos idosos velhos.

O esvaziamento de significados de alguns termos ao chegarem ao Brasil.

Idoso: Seguindo um Cenário de desenvolvimento no século XX, ocorreu também no Brasil, (como no nos países industrializados da Europa e América do norte), um forte fluxo migratório em direção as grandes cidades da região sudeste do Brasil, sobretudo São Paulo. Devido ao fato de grandes transformações da economia, que até então também era agrícola, passando agora a desenvolver cada vez mais as novas indústrias, seguindo o mesmo contexto Francês.

Desde a década de 1930, quando o presidente Getulio Vargas, começou a direcionar para as questões sociais. Com a criação do ministério da educação e o ministério da saúde. Brasil começava a desenvolver sua economia, que também até então tratava-se de uma economia agrícola, passando a ter como prioridade o desenvolvimento das indústrias.

Todos estes avanços econômicos, e sociais e depois com a promulgação da constituição de 1934, onde umas das principais transformações foram à elaboração da carteira de trabalho e a criação das leis trabalhistas. Sendo assim, estes avanços fizeram com que ao passar dos anos, as grandes metrópoles, entre elas São Paulo, começassem a receber um grande contingente de pessoas a procura de melhores condições de trabalho.

Entretanto um pouco antes em 1920, com a elaboração da lei Elói Chaves, as pessoas começaram a contar com alguns benefícios, entre eles o da aposentadoria. O processo previdenciário ao longo dos anos foi ganhando espaço no cenário brasileiro, mas ainda atendendo apenas a minoria.

A França, neste período já era um bom exemplo a ser seguido, em relação ao apoio e o tratamento oferecido aos idosos. Aonde no final da década de 1960, as mudanças de imagens em relação à velhice chegam ao Brasil, agora algumas palavras serão acrescentadas ao nosso vocabulário e também nos documentos oficiais, a fim de melhorar o tratamento oferecido pela sociedade para com os mais velhos.

A palavra “idoso”, já era conhecida em solo brasileiro, mas agora começa a ser mais utilizada, sendo este termo, agora a marca de um tratamento mais respeitoso. Mas este novo tratamento atingiu apenas a classe economicamente favorecida, assim alguns restaurantes, hotéis passaram a oferecer um tratamento privilegiado aos idosos das classes sociais mais ricas e como este termo ficou restrito apenas para a classe dominante, o tratamento aos mais

velhos das camadas mais pobres não melhorou, muito pelo contrario, o termo velho, passou a ter um significado ainda pior, diferenciando agora, as pessoas de mais idade, pertencentes às camadas sociais diferentes onde agora a velhice passou a ser sinônimo de decadência e declínio social; desde então, as ações em favor da mudança de nomenclatura se multiplicam, as instituições governamentais tentaram adotar novas formas de representação da pessoa envelhecida, mas isto ainda esta longe de significar que a esta é uma representação de políticas sociais voltadas para a velhice.

Terceira idade: O termo “terceira idade” (como identificado anteriormente), é uma denominação criada na França, e depois consagrada em vários outros países, desde sua criação por Pierre Vellas, em 1960, sendo este para diferenciar a fase anterior a velhice.

O mesmo esvaziamento de significado ocorrido com o termo “idoso” ao chegar no Brasil. Também ocorreu com o termo “terceira idade”.

Quando criado na França, serviu para diferenciar, uma geração de aposentados entre 35 e 60 anos. E ao chegar ao Brasil este termo foi facilmente associado à velhice, gerando assim um total esvaziamento de significado deste termo, quando comparado ao significado inicial, e ao chegar por aqui serviu apenas para o serviço de mascarar realidades indesejáveis, a criatividade brasileira tem desenvolvido novas denominações para a velhice. Os termos: maturidade, feliz idade, melhor idade, maior idade são também junto com o termo terceira idade, vem servindo ao longo dos anos para amenizar uma realidade ao quais muitos preferem não falar sobre.

Como o problema da velhice vem sendo uma preocupação da França há muitos anos, onde pode ser encontradas diferenciações de categorias de idade como: terceira idade, quarta idade e passando a uma geração a qual caminha para a elaboração de um novo termo, quinta idade. Podemos observar que a questão da velhice no Brasil ainda é pouco questionada, sendo deixada sempre de lado, passando a ser relacionada a um problema secundário, a qual a sociedade não vem dando muita importância, sendo assim, quando chegam ao Brasil estes novos termos não se diferem pelo fato de que a velhice, não fazer parte das preocupações brasileiras.

O que foi a política do Welfare State e sua interpretação ao chegar a nosso país.

Como vimos anteriormente, alguns conceitos de categorias de idades desenvolvidas na Europa, para diferenciar as categorias de idade, por motivos principalmente econômicos e acompanhamos também seu esvaziamento de significados ao chegar ao Brasil, principalmente ao termo Terceira Idade.

Agora tentaremos entender como se fez a política social que tentou amenizar as distancias sociais na Europa, principalmente no período pós segunda Guerra, e logo em seguida tentaremos compreender como esta funciona ou deveria funcionar em nosso país.

Como afirmamos acima o termo Welfare State, pode ser compreendido como “Estado de Protetor” pôr, sua compreensão e sua pratica pode ser entendida das mais divergentes maneiras, como afirma a coordenadora do Núcleo de Estudos de Políticas Publicas (NEEP), A senhora Sonia Miriam Driabe: “... o próprio conceito de “ Welfare State” não é unívoco e admite variações segundo as correntes teóricas a que se afiliam seus estudos.” E assim ela continua:

“Exatamente o que os estudos comparativos tem mostrado é que o ‘Welfare State’ pode ser mais universalista, institucionalizado, em alguns casos, ao passo que em outros casos se mostra mais privatista e residual: em uns mais generoso na cobertura e diversificação dos benefícios, em outros mais seletivos e assistencialista; em alguns países é mais intenso o mecanismo da dinâmica político partidária e eleitoral, enquanto em outros é mais politizado e clientelisticamente utilizado.” (NEEP, pag.3).

Apesar de varias maneiras de serem aplicadas, as todas tem em comum é a maneira com que tentam resolver ou amenizar as adversidades sobre as questões sociais, através deste modelo de Estado Protetor. Como continua afirmando a mesma coordenadora acima citada: “Em determinados casos e padrões, foi capaz de praticamente extirpar a pobreza absoluta, garantindo uma renda mínima... Porem como este estado protetor estava sendo posto em praticas por diferentes forma a autora completa: “... “Em outros, tem deixado relativamente descoberto ou desprotegidos os bolsões ou as camadas mais pobres da população”.

Podemos perceber que segundo esta autora não pode conceituar de maneira padronizada o significado do termo “Welfare State”, o que dependendo da maneira que é colocado em pratica pode ocasionar ou aumentar as diferenças sociais, o conceito deste

termo como ela mesma afirma pode ser analisado ou compreendido por divergentes maneiras:” para Briggs, o “Welfare State” é um... “ um estado no qual se usa deliberadamente o poder organizado (através da política e da administração) num esforço de modificar o jogo das forças do mercado”. Segundo esta autora ao fazer esta citação ele acredita que este jogo possui pelo menos três direções assim ele completa:

“o primeiro, garantindo aos indivíduos e as famílias, uma renda mínima independente do valor de mercado do seu trabalho, ou de sua propriedade, o segundo, é restringir o arco de insegurança, colocando os indivíduos e famílias em condições de fazer a certas contingências sociais, (por exemplo: a doença, a velhice e a desocupação); e terceiro, assegurando que todos os cidadãos, sem distinção de status ou classe sejam aferecidos os padrões mais altos de uma gama reconhecida de serviços sociais.” ³

Ao que se refere ao modelo de “Welfare State” anglo-saxão as medidas devem ser entendidas como o conjunto de ações que além da seguridade social, envolvem a garantias de renda saúde, educação e a habitação.

Em perspectiva o WELFARE STATE brasileiro e o atual descaso com a saúde publicam, sobretudo aos idosos:

Gostaríamos de deixar evidente que este termo (Welfare State), apesar de ser traduzido por: Estado Social. Sua interpretação, não pode ser feita de maneira uniforme ou unívoca, para isto devemos levar em conta uma serie de fatores, como a situação política a qual ele é aplicado, a situação social, cultural a qual esta “proteção” e o mais importante o momento histórico a qual ele é posto em pratica:” *devemos reconhecer, de partida, que a realidade, o Estado de Bem Estar Social brasileiro, como todas as realidades sociais não é imóvel, imutável, move se quando entra em crise*” (Driabe p. 31). Este momento Histórico também está intimamente associado ao momento político ao que vivenciado: “desde o fim, da década de 70, mas precisamente nos anos 80, o Estado Social Brasileiro, (comandado pelo regime militar) vem passando por transformações, completa a autora: “*Foi, sobretudo a crise do regime autoritário e o processo de democratização que mais fortemente marcaram esta mudança*”. Algumas destas tentativas postas em pratica deram certos como esta continua:” *alguns governos estaduais, de oposição, eleitos em 1982, levaram avante, (com algum sucesso,) certas praticas inovadoras, principalmente nas áreas da saúde, programas de alimentação e nutrição habitação popular etc.*”

Estas mudanças se mantiveram, principalmente com a nova constituição Federal de 1988. (Apesar de garantir como responsabilidade dos governos Federais, Estaduais e municipais direito a saúde e educação, por exemplo) possibilitou a interferências das Organizações Não Governamentais, (ou também chamadas por esta autora de “forças alternativas”) Áreas que até então era responsabilidades única e exclusivamente dos governos assim afirma esta autora: “ *onde antes predominavam o Estado e o Mercado... Um espaço passa a ser ocupados por novas formas de Solidariedade Social*”. (Pag.35).

Em contrapartida, presenciamos em áreas como transportes públicos, (principalmente na cidade de São Paulo) uma falta de acompanhamento adequado as necessidades da população, isto no âmbito municipal, destacando um dos fatores, que sem o apoio destas ONGs, os deveres deste “Estado protetor”, tornam se quase que facultativos quando colocados em praticas.

Todas estas dificuldades, se deve ao fato de que quando as políticas publicas não são colocadas em pratica como se deveria, presenciamos no cotidiano severas consequencias, (sobretudo aos grupos sociais historicamente excluídos das propostas de Bem Estar Social), para analisarmos, esta situação, falaremos do grupo de idosos.

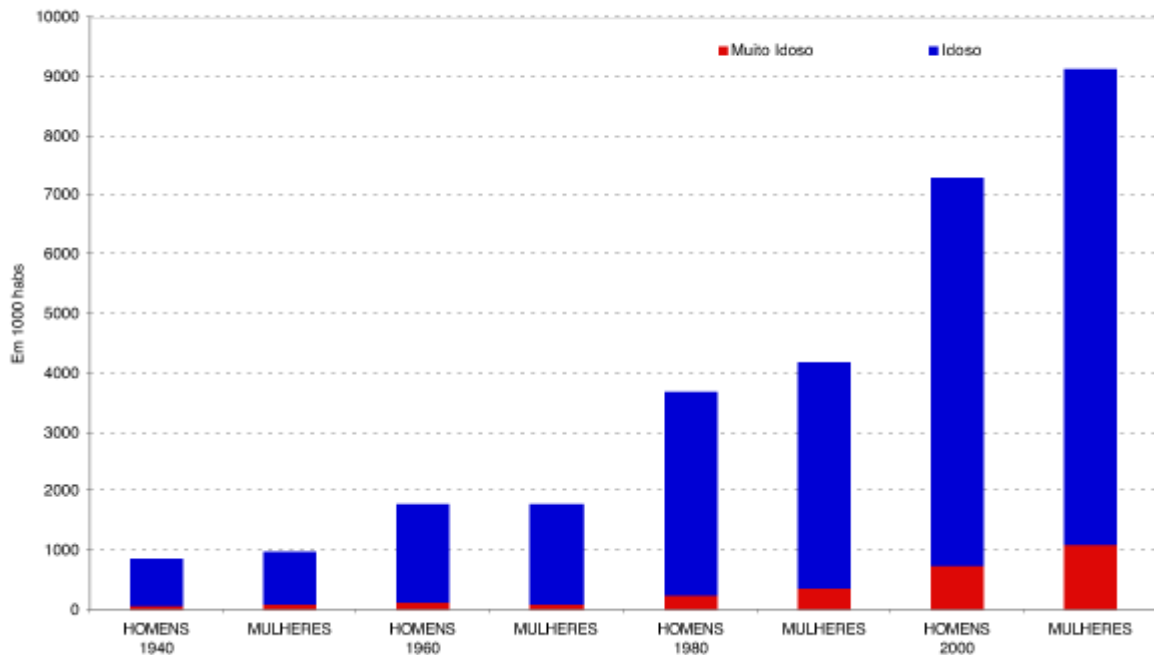
Apesar de já existirem desde as primeiras décadas, algumas políticas voltadas para aposentadoria, foi somente em 1988, com a nova constituição federal brasileira, que se reconheceu e se estabeleceu que o valor da aposentadoria, tivesse que ser baseada no salário mínimo. E para garantir a participação na vida comunitária, família e estado passaram a ser responsável pelo bem estar dos aposentados. Porém este beneficio mensal por parte do Estado, deixa de levar em consideração, aqueles aposentados que vivem em cidades que possuem um alto custo de vida, sobretudo São Paulo.

Desta maneira, outra questão tardiamente notada e questionada por parte do Estado se deve ao aumento da população que passaram a viver nas grandes cidades, e com o passar do tempo se tornaram idosas nesta cidade, causando um crescimento demográfico e o envelhecimento dessa população:

•

“Acompanhando o forte crescimento da população idosa no mundo, onde até 2050, os números de pessoas com mais de 60 anos pode ultrapassar a marca de 32% da população mundial, significando assim um numero maior de idosos, do que de crianças, temos na cidade de São Paulo, um forte aumento demográfico da população idosa acampando o ritmo mundial.” (IBGE/Censos Demográficos)

Gráfico 2
População Brasileira Idosa e Muito Idosa por Sexo, Brasil,
1940, 1960, 1980 e 2000.



Fonte: IBGE/Censos Demográficos 1940, 1950, 1991 e 2000.

Seguindo as perspectiva, segundo dados do IBGE, a população de idosos no Brasil representam 15 milhões de pessoas (sendo 8,6% da população brasileira maior de 60 anos de idade) entre elas, temos as mulheres como a maioria, sendo 8,9 milhões o que representa 62,4% da população idosa:

“Atualmente a população mundial é composta de 28% de criança (menores de 15 anos), 18% de jovens (de 15 a 24 anos) e de 44% da população (de 25 a 59 anos). Este ultima dado onde afirma que 44% da população economicamente ativa será nas próximas décadas uma população idosa.” (G1-globo.com).

Analisando os dados acima, e sabendo que vivemos em um país com as mais cruéis contradições sociais, não podemos deixar de conhecer e questionar, as consequências e adversidades encontradas no cotidiano, por aqueles que envelheceram em uma sociedade que tem como prática econômica o Capitalismo. Como analisaremos no próximo capítulo.

2- ASPECTOS QUE CONTRIBUEM PARA A EXCLUSÃO SOCIAL DO IDOSO

No que se refere ao envelhecer, torna se necessário, compreendermos, como este se faz, nos diferentes cenários;

Vivendo no campo, o idoso mesmo em idade avançada, tem possibilidades de desenvolver algum tipo de trabalho ou atividade ocupacional: iniciar uma plantação de horta, preparar e semear canteiros e jardins, etc.; procurando manter-se ocupado e em constante atividades como nesta imagem:

Imagem 2:



“Outras imagens, em anexo.”

Nas grandes cidades, sobretudo a cidade de São Paulo, a velhice ou o envelhecer, se faz de maneira dolorosa, seja por sentir mais perto da opressão e do descaso social, ou por diversos motivos, alguns deles apresentado por Ecléa Bosi: *“a sociedade capitalista, desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprimissem a velhice, destrói os apoios da memória e substitui lembranças pela História oficial celebrativa.”* (Bosi, p.18) Assim o primeiro conflito se deve a falta de projeto como ela continua: *“sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que*

não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor” (Bosi, p.19)

Nas sociedades urbanas, os idosos que antes tinham alguma ocupação ao perderem a força para o trabalho são facilmente rejeitados por não oferecerem a mesma agilidade e, conseqüentemente, contribuindo menos na participação da produção:

“esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo o trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista. Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade de competição e do lucro?...” (Bosi, p. 20.)

Este descaso social ocorre com muito mais força nos grupos de idosos. Ao cuidar de uma criança, o adulto investe cada vez mais para este se adequar ao futuro, mas em relação ao mais velho age sempre com desprezo pelo fato de não oferecer a família possibilidade de um investimento ao qual recompense no futuro, como afirma Ana p. Fraiman, em sua obra Coisas da idade:

“... se dentro da perspectiva social os velhos são coagidos ao isolamento, dado que tida a estrutura da nossa sociedade orbita em torno da população jovem (trabalho, lazer, locomoção, educação moradia e espaços vários), é de se esperar que o envelhecimento conduza as pessoas a uma situação de degradação altamente aversiva e indesejada,” (Fraiman. P. 17)

Facilmente associados a um problema ao qual não traz a família retorno ou perspectiva de investimento, a velhice facilmente é rejeitada.

Diferente de quando a sociedade oferecia ao mais velho uma oportunidade de se manter ativo, como antes no campo; agora nas grandes cidades, os velhos serão privados da liberdade de escolha, tornando-se cada vez mais dependente, às vezes sendo obrigados por um familiar mais jovem a sair de seu canto ou a mudar de casa, submetendo-se a internação em asilo na crença de que tal atitude será melhor para todos.

As mudanças ocorridas nas famílias ocasionam a falta de reciprocidade nas relações com o idoso: o adulto não discutirá com ele; as opiniões não serão mais confrontadas, negando-lhe a oportunidade de expressão. Tudo isto causará no idoso um sentimento de tristeza e angustia, mais ainda, ao lembrar-se de quando criança o quão diferente era o tratamento dispensado aos mais velhos: eram respeitados e admirados, o contrario de agora.

Como relatado anteriormente, a velhice é um fator natural, mas a sua chegada, atualmente não é vista com bons olhos pela sociedade e para os familiares, pois ela traz também, para a família, (alem de cuidados especiais) todo um gasto financeiro com artefatos necessários para o bem estar do idoso (prótese dentaria, lentes, aparelhos auditivo), alem de posteriormente arcar com a manutenção de todos estes novos adereços.

Mesmo contribuindo com o orçamento familiar, através de sua aposentadoria, o idoso ainda assim se sentirá como um incômodo. O salário de aposentado também lhe causa incômodo pois, não é o suficiente para manter suas despesas. Diante de tanta preocupação financeira, ocorre mesmo parecendo um absurdo, nossa sociedade que estimula a competição e o lucro, muitas vezes permite que a alternativa de se manter respeitados pelo outro, a possibilidade de continuar inserido no mercado de trabalho , desta maneira os poucos que ainda são aceitos, em épocas de desempregos, são obrigados a rebaixar seu salário e aceitar desempenhar funções pesadas que não correspondem a sua disposição e saúde , e qualquer erro ou distração , será amargamente punida.

2.1 A FALTA DE PREOCUPAÇÃO COM A SAÚDE DOS IDOSOS.

As últimas décadas vêm sendo marcadas por importantes conquistas científicas, em especial a área da medicina, aonde através de bons tratamentos, vem propiciando, um forte aumento na perspectiva de vida da população. E desta maneira, aumentando a probabilidade de que a atual geração tenha um tempo de vida mais prolongado, se comparado às gerações anteriores. Mas nem sempre estas conquistas acompanham o

individuo em todo seu período de vida, priorizando apenas a saúde seja ela biológica ou mental, apenas aos mais jovens.

Entre as áreas da saúde que mais priorizam o desenvolvimento dos jovens, encontramos a psicologia. Até então a psicologia tem-se voltado para o estudo dos primeiros estágios da vida, dispondo um profundo conhecimento ao que se refere ao desenvolvimento psíquico e emocional, tendo como prioridade atender as populações de crianças e jovens.

Algumas doenças vêm acompanhando o homem há algumas décadas, como algumas epidemias (febre amarela, rubéola, poliomielite...), a cada uma destas doenças que afetaram grande parte da população, fez com que a medicina acelerasse seu processo de pesquisa para combatê-los. Algumas outras doenças, quando se tem como público alvo as pessoas mais idosas, (mesmo quando temos algumas pesquisas) pouco despertam o interesse da sociedade geral como, por exemplo, o mau de Parkinson.



Imagem 3 - A falta de preocupação é tamanha, que tais doenças são comumente relacionadas a doenças de velho!

Quase depois de duzentos anos de sua descoberta, muito pouco se sabe sobre essa doença, sendo ela uma enfermidade que foi descrita pela primeira vez em 1817, pelo médico inglês James Parkinson. Desde então é de conhecimento médico seus sintomas (tremores, lentidão de movimentos, rigidez muscular, desequilíbrio e alterações na fala e na escrita), mas mesmo com avanços científicos e o desenvolvimento de seu tratamento, faz duzentos anos de sua descoberta e as pesquisas não encontraram ainda sua cura.

Ao que se refere ao mal de Alzheimer, temos a mesma falta de interesse e preocupação com a sociedade em incentivar a procura de tratamentos que levam a cura. Desde 1906, quando descrita pela primeira vez pelo psiquiatra alemão: Aloés Alzheimer, sabemos apenas quais são os sintomas e a qual público ela mais atinge (idosos) e ao que se refere a sua cura, ainda pouco se sabe.

Pouco divulgadas pelos meios de comunicação, estas duas doenças acabam sendo associadas, pela população como doenças de velhos:

Chegar à velhice com saúde é privilégios de poucos devido à somatória de situações desgastantes ao longo da vida. Daí ser ela relacionada com a doença, com a degeneração, com a pluripatologia se velho na nossa sociedade, é estar debilitado, não por decorrência de um processo de envelhecimento natural, mas por um acúmulo de maus tratos, alimentação inadequada e horários desorganizados, relacionamentos interrompidos ao longo do tempo... (FRAMAM, 1995: 32)

2.2 DESRESPEITOS AOS IDOSOS E ACESSIBILIDADE.

Sendo comemorado no dia 27 de setembro, o Dia do idoso, vemos nas grandes cidades brasileiras um total descaso com relação a este público pelos mais jovens. Porém fica o questionamento: há o que comemorar nesta data? Uma vez que as pessoas que ao longo de sua vida, contribuíram e muito com seu país, hoje são vítimas do preconceito da discriminação por parte dos governantes e da própria sociedade.

Mesmo sendo aprovado há pouco tempo o Estatuto do idoso, as pessoas acima de 60 anos, vem sendo desrespeitadas ou ignoradas.

A violência, o desrespeito ou os maus tratos estão presentes na vida de muitos idosos. Embora só 19% relatem alguma ocorrência após a menção de uma bateria de dez modalidades de violência, mais de um terço (35%) já reportou ter sofrido alguma delas por conta de sua idade. (NERI, 2007: 27)

De modo geral, a imagem da velhice é mais negativa do que positiva, assim vale lembrar que as medidas (como no caso do Estatuto do idoso) muitas vezes são enganosas o que costuma ser particularmente verdadeiro em um país como o Brasil, tão marcado por desigualdade de classe social e de gênero. Pesquisas ou indicadores levam-nos a pensar que a situação está melhorando para os idosos brasileiros. por outro lado podem esconder graves problemas vividos por grande parte desta população, como exemplo idosos do nordeste, onde o acesso a instituições publicas são mais restritos, levando a uma total indiferença por parte da sociedade.



Imagem 4 - As idosas negras que ao longo da vida foram desrespeitadas por ser mulher, e por sua cor, agora também sofrem por serem idosas.

Atualmente a cidade de São Paulo, se destaca no cenário mundial, pela sua importância grandiosidade e por oferecer oportunidades para aqueles que desejam uma oportunidade de trabalho. Apesar de tantas transformações, o envelhecimento nesta cidade vem a cada dia aumentando, descreve a autora do livro coisas da idade, Ana Fraiman;

“a esperança de vida pra o homem brasileiro subiu de cerca de 40 anos, em 1939, pra 58 anos em 1972 e, atualmente, é de mais ou menos 67 anos nos grandes centros urbanos. No entanto, não vemos mudanças para a adaptação destes novos velhos.” (Coisas da Idade, pag. 18).

Mesmo seguindo um ritmo cada vez mais de envelhecimento do que nascimento, nossa cidade vem demonstrando em suas propostas para as sua melhoria no cotidiano,

grandes eventos como acontece todo ano como: a virada esportiva (evento esportivo que apesar de sua importância para a sociedade, não tem demonstrado interesse algum com os mais velhos), valorizando cada vez mais a saúde e o lazer para o público jovem. Deixa assim de lado a importância de valorizar aqueles que um dia também foram tão importantes para o desenvolvimento desta cidade.

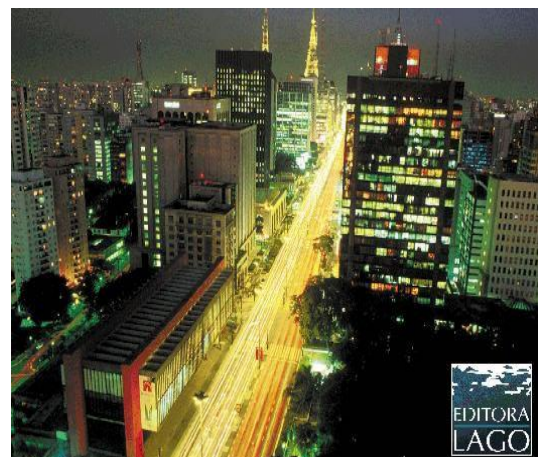
“No mundo globalizado, vivemos cada vez mais em uma sociedade sob intensa urbanização, verticalização arquitetônica e interiorização dos espaços. “O homem produz seu próprio ambiente e interfere diretamente no comportamento social.”

(Mobilidade acessível na cidade de São Paulo, pag.13).

No que se refere ao fato de vivermos hoje em uma cidade tão desenvolvida, nos faz lembrar que toda esta importância se deve ao fato de que um dia, alguém deve ter trabalhado para que isto tudo fosse erguido.



Av. Paulista, 1902



Av. Paulista, 2009

Imagens 5 e 6 - Toda sua imponência e beleza se querem despertam a curiosidade de perguntar: como viverá os idosos diante de tantas verticalizações.

“A crescente urbanização e a ascensão de São Paulo à posição da metrópole regional- consolidando se como ponto de transito dos produtos de exportação e importação, como grande mercado do complexo cafeeiro e dinâmico centro econômico e político, nas ultimas décadas do século XIX – provocaram transformações sócias em curto espaço de tempo e em ritmo acelerado, num quadro onde interagiram a desintegração da Abolição, a grande imigração e o êxodo rural.” (Matos, pag. 43).

A importância financeira, cultural e histórica da nossa cidade não esta sendo questionada, pois a maneira de interpretarmos suas representações pode se dar, das mais diferentes variações, desta maneira afirma Maria Izilda Santos Matos, autora da obra Cotidiano E Cultura. Historia Cidade e Trabalho (capitulo dois, Cotidiano e sobrevivência):

“Em seu processo de transformação, a cidade tanto pode ser registro como agente histórico. nesse sentido, destacasse a noção de territorialidade, identificando espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias.” (Matos, pag. 35).

Em Contrapartida, convivemos em uma sociedade que a cada dia mais passa a valorizar o que é produzido e não quem produz, desta forma encontramos no cotidiano um enorme desinteresse em valorizar aqueles que muito contribuíram para tal desenvolvimento, porem em um olhar mais atento, mesmo aqueles que não possuem conhecimentos aprofundados sobre esta temática pode compreender as transformações nas estruturas da cidade: *“ a paisagem urbana vai-se impondo como um documento a ser lido, como um texto a ser decifrado.” (Matos, pag. 36).*

Desta maneira, a sociedade deixa de valorizar as pessoas que envelhecem ou se tornam idosas, talvez pelo fato de que a velhice esta associada à falta de produção, tornando a velhice um problema secundário, uma vez que os idosos não ofereçam força para o trabalho.

A cada dia a velhice vem trazendo para a sociedade e para as famílias um sentimento de desprezo e preocupação. A cidade, cada vez mais vem se desenvolvendo, resultando em elevações das construções, onde tornar-se idoso, cada vez mais, fica difícil, o acesso por aqueles que não têm a mesma disposição e saúde.

A sociedade industrial em que vivemos rompeu esse liame [de elo entre gerações], desvalorizou o saber de experiência, corroeu a memória coletiva, desvalorizou a lembrança; portanto, desapossou a velhice de seu dom à sociedade e à cultura. Da natural condição de sobrevivente de uma geração que ele é, [...] o homem idoso, porque improdutivo [...] passa, acobertado pela etiqueta clínica da “terceira idade”, ao anonimato dos excluídos sem voz. (BOSI, 2004)

Para compreendermos melhor esta temática, vamos tentar entender o que pode ser compreendido por acessibilidade tendo como base primeiramente apenas a lei 10.098, de 19 Dezembro de 2000:

– acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;” (art. 2. Capítulo 1).

E segundo a atual legislação vigente na cidade de São Paulo, (na teoria) ela esta encontrasse vigência, porem na pratica podemos analisar a citação abaixo e fazer uma relação critica do que encontramos na pratica (imagem 6).

:

“... pessoas com essas características se deslocam em geral, com a ajuda de equipamentos auxiliares: bengalas, muletas, andadores,... portanto, é necessário considerar o espaço de circulação juntamente com os equipamentos que as acompanham...”



Imagem 7 - Outro problema que a cada dia vem aumentando, são as quantidades de automóveis nas ruas, onde andar a pé mesmo para os que dispõem de saúde e agilidade vem ficando cada vez mais perigoso.

Todas estas mudanças (teóricas) contribuem para que as pessoas idosas “fiquem presas” dentro de suas residências. (por vontade própria ou imposição da família) desta forma fazendo com que a velhice, seja a cada dia menos desejada e admirada.

O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escalas ficam mais duras de subir, as distancias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar o mundo fica erizado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas. (NERI, 2007: 79).

À medida que o tempo vai passando, e as dificuldades para cuidar destes idosos, seguem o mesmo ritmo, somado a inúmeros agravantes como: falta de estrutura na cidade: uma vez que ruas e avenidas cada vez estão mais perigosas, e porta adentro o cotidiano vai também seguindo o mesmo ritmo, a ponto de fazer com que as famílias passem a procurar casas de repouso, desta maneira, afirma o casal responsável pelos cuidados da senhora Conceição:

“Eu achei que foi melhor trazer ela para, cá por uma melhor qualidade de vida, pois em casa eu cuidava, mas como eu tinha meus a fazer e meu marido trabalhava muito, acabávamos não dando a atenção necessária: eu não podia ficar do lado dela direto, e ela abava dormindo o dia inteiro.” (ver entrevista em anexo.)

Quando jovens, passamos a maior parte de seu tempo no trabalho. Não tendo como se dedicar aos idosos, como afirmado acima, uma das possibilidades restantes (para aqueles que possuem melhor condições financeiras) é aquela de internar em uma casa de repouso acreditando que será melhor para o idoso, como conclui o filho de Dona conceição: *“Em casa ela chegou a cair uma vez, o que nos fez trazê-la de uma vez, pois ela precisa ser acompanhada o tempo todo. (ver anexo)*

Para compreendermos melhor o cotidiano daqueles que restam à alternativa de ser internada em uma casa de repouso, uma nova realidade se inicia, pela primeira vez em sua vida, será convencido ou até mesmo forçado a se adaptar a um ambiente.

Desta maneira, esta ultima parte terá a preocupação de tentar entender o cotidiano daqueles que viveram o resto de sua existência, em uma casa de repouso.

3- Espaços de memória: relatos, depoimentos e análise do cotidiano em uma casa de repouso.

Alguns acontecimentos do cotidiano, faz muitas vezes, com que nos tenhamos algumas pré noções, de alguns lugares, porem quando conhecemos ou passamos a frequentar estes ambientes, temos na maioria das vezes uma forte desconstrução desta “realidade”. E isto se tornou evidente a partir do momento que comecei a frequentar este lar para idosos (Lar dos Velinhos Fanfarrões).

A primeira desconstrução, deste pensamento, se refere à maneira com que estes idosos entendem sua internação: antes de frequentar um ambiente como este, não tínhamos idéia, de como os idosos ali internados entendiam sua internação. Assim, acreditávamos que a internação nestes ambientes, fosse a mais cruel possibilidade, que havia restado para os que ali estavam o que em alguns casos não ocorreu.

Desta maneira, minha primeira experiência ocorreu no dia primeiro 21 de abril deste ano, primeiramente tentei um primeiro contato com os proprietários deste ambiente (a senhora Caren e seu marido Jeremias), para ter a autorização para realizar minha pesquisa,(para não comprometer a autenticidade desta pesquisa) e prontamente eles se dispõem a me ajudar. Tendo a autorização, tentei através de diálogos fazer uma sondagem dos idosos ali presentes, e cheguei a pensar na possibilidade de que a maioria ali possuía um elevado grau de Alzheimer, o que se confirmou quando analisei seus prontuários, sobre saúde na velhice a autora Ana Fraiman declara em seu livro Coisas da idade:

“chegar à velhice com saúde é privilégios de poucos devido à somatória de situações desgastantes ao longo da vida. Daí ser ela relacionada com a doença, com a degeneração, com a pluripatologia se velho na nossa sociedade, é estar debilitado, não por decorrência de um processo de envelhecimento natural, mas por um acúmulo de maus tratos, alimentação inadequada e horários desorganizados, relacionamentos interrompidos ao longo do tempo...”

(FRAIMAN, pag. 32)

Ao analisar seus prontuários e cheguei às primeiras observações: todos os idosos, ali acolhidos possuem acompanhamento Médico (enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeuta, psicólogos e voluntários que auxiliam em suas atividades.) [ver anexo...](#), além disso pude contatar que a casa atende a 18 idosos, a maior parte de pessoas acima de 70 anos, o que facilitou esta pesquisa fazendo com que meu trabalho partisse em direção a estudo e análise da memória destes pacientes.

Para estudar seus cotidiano e seus passados, decidi partir para análise da do método de investigação conhecido como historia oral, e sobre este método afirma Alessandro Portelli: *“... ela tem gerado trabalhos ricos e variados, viabilizando sujeitos e lugares ocultados e silenciados por esses processos, trazendo novas questões para o debate.”* (PORTELLI, P. 7). Porém este método deve ser desenvolvido diante de alguns cuidados como afirma o mesmo autor: *“na historia oral, enfim, o relato da historia não é um fim em si mesmo...”* (PORTELLI. P.20). Desta maneira procuramos por informações que pudessem nos ajudar a desenvolver técnicas que para realizar esta pesquisa: *“o detalhamento do projeto de historia oral é condição para qualquer boa pesquisa, principalmente com entrevista.”* (Meihy e Holanda. P.43.). Segundo estes autores, da obra: *Historia Oral como fazer como pensar: o projeto de historia oral*, é um elemento que articula e dá sentido, a cada etapa do trabalho, fundamentando com fontes vivas, porém estas fontes devem ser composta de corpo documental.

Falando ainda da documentação, decidimos colocar em prática em cada entrevista o que os autores; Jose Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda propõem após a elaboração teórica do projeto (primeira etapa) um início de sua segunda etapa que é a parte das gravações destas entrevistas: *“... O instante da gravação- é fundamental por ser tempo da primeira atitude de materialização do projeto...”* (p.30). E sobre a terceira etapa os autores propõem: *“... Confeção do documento escrito... tanto pode ser literal como descrição documental.”* (p. 30). As últimas etapas seriam: sua eventual análise (quarta etapa.), seguida de arquivamento (quinta etapa) e devolução social.

Seguindo as orientações propostas tanto pelo os autores: Alessandro Portelli: *Ensaio de Historia Oral* e José Carlos Sebe e Fabiola Holanda: *Historia Oral, como fazer como pensar*, decidimos iniciar esta pesquisa no mesmo dia.

Como descrito anteriormente, algumas adversidades nos desafiaram logo na primeira tentativa de trabalhar com o método proposto pelo historiador Alessandro Portelli (*Historia oral*) e na primeira visita a este ambiente, me fez refletir sobre alguns aspectos importantes que não estavam previstos nesta pesquisas.

De início pretendíamos através de relatos ou depoimentos, conseguir recolher algumas informações que pudessem favorecer este trabalho, porém a primeira dificuldade encontrada por nós, (como já falado) ocorreu no momento que paramos para analisar os prontuários de cada idoso ali acolhido: a maioria daqueles que ali estavam já em um elevado grau de Alzheimer, o que poderia comprometer nosso projeto, a partir de então, procurei a psicóloga: Ana Honda, (voluntária responsável pelo bem estar emocional daqueles pacientes), para colher algumas informações que pudessem me auxiliar na seleção dos pacientes que pudessem contribuir com esta pesquisa, porém antes de iniciar minha entrevista ela mesma me deu algumas dicas importantes:

“na psicologia, quando nós vamos descrever um caso, (principalmente quando temos a intenção de publicar as informações), nos não utilizamos o nome do paciente, sempre tentamos preservar sua identidade, por isso, te aconselho a não usar o nome dos pacientes.”

Seguindo suas dicas eu preferi utilizar nos casos abaixo relatado nomes “fantasias” (como diz a própria psicóloga), com exceção dos profissionais que ali trabalham.

Após esta primeira experiência, comecei no dia 28 de abril, minha segunda visita a este ambiente, a fim de selecionar alguns pacientes e familiares que pudessem contribuir, ou relatar as dificuldades vividas no cotidiano, por aqueles que viveram sua juventude (mesmo aqueles que não nasceram por aqui) e envelheceram na cidade de São Paulo. E para este primeiro encontro, decidi levar a prática o que afirma Ecléa Bosi em seu livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*: “Antes do encontro com o depoente, convém recolher o máximo de informações sobre o assunto em pauta para formular questões que os estimulem a responder. (Bosi, pag. 59). Assim, preparei algumas perguntas para iniciar as entrevistas, minha preocupação inicial era obedecer a um roteiro de perguntas que pudesse dar sequência e sentido no decorrer das entrevistas, desta forma decidi por em prática o que afirma José Carlos Sebe:

“Um bom roteiro é essencial para se pensar no desdobramento do trabalho. Definir os passos da história oral implica estabelecer os cinco momentos principais de sua realização: 1- elaboração do projeto; 2-gravação; 3- estabelecimento do documento escrito e sua seriação; 4-sua eventual análise; 5- arquivamento; 6-devolução social.” (MEIHY. P 29).

Porem na pratica isto não se realizou da mesma maneira que havíamos planejado. E para obter as informações precisas sem constranger e deixar a vontade cada entrevistado, decidi por na pratica o que afirma Ecléa Bosi neste mesmo livro: “A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera.” (Bosi, pag. 60.).

3.1 ADAPTAÇÕES AO NOVO LAR: Lar dos velhinhos Fanfarrões.

Como descrito no capítulo anterior, nossa sociedade não esta preparada para atender com dignidade, aqueles que tanto contribuíram para projetar esta cidade, sobretudo àqueles que acompanharam o crescimento da mesma.

Nossa primeira entrevista ocorre no dia 01 de maio deste ano. Com o senhor “Jorge domingos”, idade 87 anos, grupo etário dentro da perspectiva deste trabalho. E logo de inicio percebemos em sua fala, que o fato de ter trabalhado a vida inteira é o que de mais importante restou em suas lembranças:

“Sobre minha infância tenho poucas recordações, eu lembro que tinha depressão e isso, só me dava vontade de... uma enorme vontade de dormir. E como naqueles tempos eu não tinha idéia do eu tinha, apenas dormia. Quando completei vinte e três anos vim para São Paulo, para trabalhar. (ver anexo ?)

Notamos neste momento, que suas recordações ou lembranças se restringem ao momento em que ele vem para a cidade de São Paulo, e o fato de ter começado a trabalhar, é o que demais importante ele se recorda, deixando de lado, lembranças até mesmo de sua infância, quando perguntado a cidade em que nasceu ele responde com bastante clareza: “eu nasci em São Manoel, no dia onze de... Abril de mil novecentos e vinte e cinco”.

Quando fala de seu nascimento ele se confunde um pouco e faz um paralelo a primeira guerra mundial, (ver anexo), no momento em que afirma sua data de registro

de nascimento: “... Era a guerra da Itália e Alemanha, eu não me lembro muita coisa por que eu era criança...”

Percebemos neste momento, que ele se confunde um pouco em suas recordações, desta maneira vai ficando um pouco irritado, o que não seria nada bom para esta pesquisa, desta maneira mudamos rapidamente de assunto, resgatando o assunto o que ele havia falado com mais tranquilidade: seu trabalho, perguntamos até que ano ele havia trabalhado e assim ele responde: “*Eu trabalhei até o ano de oitenta e oito, foi ai que eu fiz uma cirurgia no fêmur...*”

Conversando de maneira mais tranquila, ele começa a nos contar que esta cirurgia foi o motivo que o levou a uma casa de repouso, acreditando que iria ficar por ali temporariamente ele afirma: “... *minha família me levou para uma casa de repouso aqui em Mauá, lá perto de Rio Grande da Serra, mas lá as enfermeiras maltratavam agente*”. Neste momento, ele afirma ter defendido aquela senhora, e depois pedido para o filho retirado daquele ambiente;

“No momento da internação, o individuo tenta não demonstrar seu sofrimento aos familiares, mas ao ingressar no novo lar, o sofrimento e a angustia serão cada dia mais freqüentes, passando a acompanhá-los todos os dias.” (Ana Honda.)

Complementando a crença deste senhor, de um dia sua família ir buscá-lo complementa a psicóloga Ana: “*Analisando isto percebo que ele não aceita inúmeras coisas em sua vida, inclusive o fato de estar internado nesta casa, porem ele prefere se trancar dentro de si, para não expor suas magoas.*”

Momentaneamente, sua família tentou em levá-lo para casa, porem por falta de estrutura física, daquele ambiente fez com que sua permanência junto com a família fosse comprometida, fazendo a família procurar um novo abrigo para interná-lo, como ele mesmo complementa:

“Ai, eu não retornei para minha casa e meu enteado acabou me tirando de lá, la tinha quarenta idosos, e todos tratados da mesma maneira, ai meu enteado me trouxe para cá, aqui, eu não tenho nada que reclamar, para cá, faz um ano e meio que estou aqui”.

Sobre seu estado de saúde quando chegou nesta casa de repouso, afirma a senhora Karen, enfermeira responsável pela saúde dos idosos:

“Quando ele chegou, nós ficamos super preocupados com sua saúde, pois ele se encontrava bastante fraco, magro, bastante extremamente caquético e não falava quase nada. Extremamente caquético, e nos ficamos bastante preocupados e o levamos ao pronto socorro da cidade de Mairiporã. No intuito de passar uma sonda para alimentá-lo. Lá, eles fizeram exames de sangue afirmaram que ele não tinha nada mais grave assim o trouxemos para cá afim de cuidá-lo. (ver anexos)

Sabendo que sua saúde, atualmente estava conservada, um detalhe importante chamava nossa atenção: notamos que ao passar dos dias, este senhor ficava todo o tempo de cabeça coberta por um cobertor, às vezes, se cobria de maneira que seus pés ficavam a mostra. Com o passar das visitas, passei a ter mais liberdade para perguntar, então decidi perguntar à psicóloga, se aquele comportamento, tinha alguma relação com sua saúde, desta maneira ela responde:

“Analisando de maneira clinica, este comportamento. Parece que o fato de utilizar um edredom na cabeça pode ser entendido, como se o ele não quisesse mais enxergar as coisas do mundo, assim independente do tempo, (se esta frio ou calor) encontraremos este senhor sempre desta mesma maneira: de cabeça coberta.”

Questionei em seguida se ela já havia tentado mudar esta realidade ela completa:

“Aparentemente, parece que ele encontrou uma fuga da realidade, e com isto, parece que ele encontrou um grande conforto, se livrando das coisas do mundo passando a viver de baixo de um edredom o dia todo.”

A partir deste momento, ficou evidente que sua angustia, era maior do que até então, aquele comportamento havia demonstrado, e finalizando a entrevista perguntei sobre sua família, desta maneira a psicóloga complementa:

“Não poder aproveitar os momentos com sua família, a maneira com que sua família o compreende (alguém que só priorizou o

trabalho), e não usufruir dos bens adquiridos durante sua vida, são os fatores que mais interferem em sua vida e tudo isto associado ao fato de estar por aqui, faz com que sua angustia aumente ainda mais, para isto como já relatei o edredom cobrindo sua face serve como conforto diante de uma realidade tão cruel. Ele tenta cobrir aquilo que ele não quer aceitar.”

Dona conceição:

Este segundo caso, se difere do primeiro no que se refere a algumas características, a primeira delas é que a senhora descrita possui um elevado grau de Alzheimer, desta maneira os relatos serão feitos por seu filho, (conhecido na casa por todos como: seu Benê) e sua Nora.

Fazendo algumas observações sobre o cotidiano naquele ambiente, percebi que sempre que eu estava por ali fazendo minhas pesquisas, também por lá estava um senhor que ao chegar fazia questão de cumprimentar a todos (inclusive aos idosos).

Com os dias descobri que sua mãe estava por ali internada, me aproximei, falei sobre minhas pesquisas e perguntei se ele estava disponível a colaborar, dando uma entrevista e rapidamente ele me afirmou que estava com pouco tempo, mesmo assim, se prontificou. E por estar apressado esta entrevista ocorreu junto com sua esposa, e em alguns momentos é ela que responde as perguntas, como esta primeira:

Porque o senhor decidiu interna sua mãe em uma casa de repouso? E assim ela responde:

“Eu achei que foi melhor trazer ela para, cá por uma melhor qualidade de vida, pois em casa eu cuidava, mas como eu tinha meus a fazer e meu marido trabalhava muito, acabávamos não dando a atenção necessária: eu não podia ficar do lado dela direto, e ela abava dormindo o dia inteiro.”

Após a internação este casal relata que apesar de ter sido melhor para dona conceição, estar internada, aos cuidados de pessoas especializadas, as lembranças se faz presentes a todo o momento: *“Hoje o quarto dela esta lá fechado, o nem sei como esta, pois não consigo entrar lá por causa das lembranças”* completa o filho de dona conceição: *“Eu venho todos os dias , não consigo no meu tempo livre deixar de visita ela.”*

Decidi mais uma vez, ressaltar o fato de ele estar presente na casa de repouso todos os dias, e com bastante simpatia o filho de dona Conceição acrescenta: “até hoje não me acostumei”... “Em seguida sua esposa complementa: eu pensei que teria que correr com ele para o hospital...” ao falar do processo de internação de sua sogra.

Devido à presa dos dois, decidi em outro momento, buscar mais informações sobre a saúde e a estadia de dona Conceição, retomei a entrevista com a psicóloga e ela me relatou o seguinte sobre a saúde desta senhora ao ser internada:

“A Dona Conceição foi trazida para nós, sem possibilidade de retorno para sua casa, um dos motivos era seu excesso de peso, além da falta de coordenação motora, estes dois fatores foram decisivos para sua internação. (ver anexo).

Sobre seu comportamento acrescenta à psicóloga:

Quando ela chegou para nós, ela era bastante agitada, falando bastante, gritando pela presença do filho, ela ficava o tempo todo inquieta: no mesmo tempo que ela punha sua roupa ela queria tirar ao mesmo tempo, e outra ficava o tempo todo chamando seu filho. (ver anexo).

Conclusão:

Todos os procedimentos e atitudes, que nossa sociedade desenvolve atualmente, não são os mesmos de outros tempos. A cada ano presenciamos um aumento do descaso social com relação à população idosa.

No que se refere ao tratamento oferecido a esta população, temos uma total falta de familiaridade com a temática, isso pelo fato de ser para muitos, considerada uma realidade ainda muito distante, aonde até mesmo a forma de tratamento, com essas pessoas vem perdendo seu respeito e consideração. A velhice é relacionada a algo descartável pelo fato de para muitos, estarem relacionada à decadência e também por não fazer parte dos padrões de novidade a qual nossa sociedade muito valoriza.

Todo este processo que contribui para a exclusão social do idoso pode ser encontrado até mesmo, na maneira que fomos ensinados (de maneira errada) a conviver com alguns significados errados de termos que quando criados em outras localidades, como os termos: terceira idade, que chegou até nos, com um significado diferente daquele criado pelos franceses, na década de 60, fazendo com que este termo seja encontrado de maneira errônea, até mesmo em livros didáticos, não deixando dúvidas de que nem mesmo os autores estão preocupados em corrigir ou observar este termo.

Infelizmente o descaso social não para por ai, cada vez mais vemos aumentar outras formas de preconceito com a população idosa: a falta de respeito com a saúde, problema este comumente encontrado nos postos de saúde, a discriminação por parte dos mais jovens, comparando-os a algo que não tem mais serventia ou até mesmo a falta de interesse pelo tema, fazendo com que cada vez mais ocorra a super valorização da juventude, aumentando cada dia mais o isolamento e o desprezo social.

Apesar de todas as pesquisas demonstrarem que a cada ano esta parcela da população vem aumentando, a contemporaneidade esta cada vez mais, perdendo noções importantes como respeitar o próximo, sendo assim, sociedades inteiras exclui seus idosos, oferecendo poucas oportunidades, aumentando a discriminação, desta maneira constrói se uma geração supervalorizada e se nada for feito de imediato, conseqüentemente também nós rejeitara no futuro.

Para a velhice deixar de ser associada a fatores negativos, seria necessário, primeiramente colocar em prática o que nos propõem no Estatuto Nacional do Idoso, e continuar lutando por objetivos, capazes de diminuir o preconceito, orientando e oferecendo novas oportunidades de melhorias sociais e conseqüentemente melhorando ou pondo em prática, o que propõem a política do Estado de Bem-Estar Social e podendo todos a conviver de maneira mais confortável e respeitosa.

O que mais nos causa estranheza é que: embora o idoso seja ignorado e desprezado por não mais estar no processo de produção e consumo mercantilista, são idosos os mais influentes em termos políticos onde muitas vezes, a maioria dos cargos políticos são ocupados por idosos, e mesmo sendo o cenário político dirigido por uma população idosa, (uma minoria quando comparada aos demais idosos que vivem marginalizados), mas uma minoria que com grande poder e pouca sabedoria determina as condições de atrocidades vistas atualmente.

Por fim, ficou evidente, que uma vês que as famílias desta população envelhecida, não encontram possibilidades de manter seus pais junto com o convívio familiar, (às vezes por morar em locais pequenos como apartamentos, e pelo fato da nossa cidade não possuir na prática políticas públicas que garantam um direito como de ir e vir), acabam tendo como uma única possibilidade intervalos em uma casa de repouso.

Sobre casas de repouso, ficou evidente que às vezes, temos uma pré noção destes lugares, tendo a tendência em associarmos este, a um espaço de sofrimento e finitude, porem, algo muito interessante de reconhecermos, é que na casa de repouso: Lar dos Velhinhos Fanfarrões, uma das preocupações é exatamente a preocupação com o a auto-estima e o bem estar daqueles, que completaram sua existência, cercados de atenção e dignidade.

Bibliografia:

ARENDDT, Annah. *A condição humana*. 10º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BARROS, Miriam Moraes Lins de. *Velhice ou terceira idade?* 4º edição. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

BAUMANN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice, a realidade incomoda*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERQUÓ, E.S. *Considerações sobre o envelhecimento da população brasileira*. In NERI, A. L. e DERBERT, G.G (orgs.) *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999, p. 11-40.

BOSI, Alfredo. “*O trabalho das mãos*”, in: Alfredo Bosi, *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. 11ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BLONDEL, Charles. *Psicologia coletiva*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.

CAMPOS, T. de J. *Lazer e terceira idade: contributos do turismo no âmbito do programa clube da melhor idade*. Dissertação (mestrado em gerontologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

DERBET, G.G. e SIMOES J. A. Envelhecimento e velhice na família contemporânea . In FREITAS, E. V.; PY, L. ; NERI, A.L.; CANÇADO, F. A. X. ; GORZONI, M. L. ; ROCHA , S. M. *Tratado de geriatria e gerontologia* . 2 º Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 1.366-1.364 .

FORTES, Flávia Machado. *A superação das limitações da idade através de danças adaptadas*. São Paulo: Anuário da produção acadêmica docente, v.II, n. 3, 2008. 433p.

GOLDMANN Sara. *Velhice e Direitos Sociais*. PAZ, Serafim Fortes (org.) *Envelhecer com cidadania: que sabe um dia?* Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/ Seção Rio de Janeiro, 2000.

KACHAR, Victória. *Terceira idade e informática: aprender relevando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003.

LOCATELLI, E.R. Qualidade de vida e práticas de atividades físicas na velhice. *Argumento*. a.VII, n.13, p. 85 – 94, ago. 2005.

MARSHALL, T. H . *Cidadania e Classe social. Leituras sobre a cidadania*. Brasília: Fundação Projeto Rondon, 1988.

MEIHY, José Carlos Sebe Bon: *Historia Oral: Como fazer, como pensar./ Fabiola de Holanda*.- 2 ed, São Paulo: Contexto, 2011.

NERI, Anita Liberalesso. *Idosos no Brasil: vivencias, desafios e expectativas na terceira idade*. Fundação Percecu Abramo. São Paulo: SESCSP, 2007.

_____. *Cuidar de idosos no contexto da família. Questões Psicológicas e sociais*. Campinas: Átomo e Alínea, 2002.

PAZ, Serafim Fortes (org.). *Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Espelho... espelho meu: imagens que provocam o imaginário social sobre a velhice e o idoso*. Rio de Janeiro: [s.e], 2000.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de Historia Oral*. São Paulo; Letras e Voz, 2010,

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

RÔÇAS, U. *A mais de sessenta: vida nova na terceira idade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SALGADO, Marcelo Antonio, *Velhice uma nova questão social*. São Paulo: SESC-CETI, 1980.

SENNETT, R. *Respeito – A formação do caráter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro, Record, 2004.

VELHO, G. Família e Subjetividade. In ALMEIDA, A.M. e PAULA, S.S (orgs.) *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1987.

INTERNET:

IBGE. Censo Demográfico 1991 e 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>> Acesso em: 02.05.2013

<[http://www.prefeitura.sp.com.br/home/acesibilidade: mobilidade a cessivel na cidade de São Paulo](http://www.prefeitura.sp.com.br/home/acesibilidade:mobilidade%20a%20cessivel%20na%20cidade%20de%20s%C3%A3o%20Paulo)> Acesso em: 09.06.2013.

Pesquisa de *imagens de idoso*.

Disponível em: < www.evanioaraujo.zip.net/imagens/velinhos.jpg > . Acesso em: 02/11/09

< www.pintelhomagico.bloggsport.com >. Acesso em: 02/11/09

< www.tcexp.com.br/blog/wp-content/uploads/2008 > Acesso em: 02/11/09

< www.unati.UERJ.BR/Revistas/TSE/v6n1/a3g5.jpg.> Acesso em: 02/11/09

ANEXOS:

1-Lembranças de Sr. Jorge Domingos.

Meu nome é... Domingos, eu nasci em São Manoel, no dia onze de... Abril de mil novecentos e vinte e cinco, e vim para a cidade de São Paulo com vinte e três de anos de idade, para trabalhar e eu trabalhei até o ano de oitenta e oito.

Sobre minha infância tenho poucas recordações, lembro-me que tinha depressão e isto me causava uma enorme vontade de dormir. E como naqueles tempos eu não tinha idéia do eu tinha, apenas dormia. Quando completei vinte e três anos vim para São Paulo, para trabalhar.

A última guerra que acabou em quarenta e quatro, eu estava fazendo um serviço e o Brasil arrumou uma pulga¹ com eles, mas não deu em nada, como eu estava fazendo um serviço nunca fui convocado pra nada... Era a guerra da Itália e Alemanha, eu não me lembro muita coisa por que eu era criança. Eu lembro que ela acabou no dia 9 de fevereiro e eu fui registrado no dia dez, pode olhar meus documentos e confirmar!

Eu trabalhei até o ano de oitenta e oito, foi aí que eu fiz uma cirurgia no fêmur e minha família me levou para uma casa de repouso aqui em Mauá, lá perto de Rio Grande da Serra, mas lá as enfermeiras maltratavam agente ².

Uma vez, uma delas, pegou uma velha pelos cabelos, e malharam a cabeça da velha na mesa, e isto me incomodou, e eu falei; pêra aí, aqui vocês não estão para bater nos velhos e sim para cuidar dos velhos, e eu vou denunciar vocês no ministério publico por maltratarem uma velha idosa.

Apesar de ter presenciado esta agressão, nuca fui agredido lá, apenas uma vez, eles foram viajar e me largaram lá sozinho, e nem comida me deram, quando eles retornaram, eu falei: vamos fazer o seguinte quero voltar para minha casa!

Minha vontade era voltar para casa para cuidar da minha mulher, mas não podia fazer nada, eu não pude ajudar. ³ por que eu estava com problemas nas pernas então não podia cuidar dela.

Minha mulher levou um tombo da escada, eu não vi (4) de repente eu notei que ela já estava lá embaixo, criou um coagulo de sangue na cabeça dela... Eu não vi! Ela quebrou o braço... Meu enteado, filho dela esta cuidando dela em casa, ela nem comida faz, só come!

Apesar de não retornar para minha casa, meu enteado acabou me tirando de lá. Lá tinha quarenta idosos, e todos tratados da mesma maneira. , ai meu enteado me trouxe para cá, aqui eu não tenho nada a reclamar, faz um ano e meio que estou aqui.

Você sabe o que é depressão? Eu tive depressão até meus 18 anos, ela não dói nada apenas te deixa sem vontade de fazer nada, e da vontade apenas de dormir... Às vezes estava aquele dia bonito de sol e eu só pensava em ficar dentro de casa para dormir.

Foi aos 23 anos, quando eu vim para a cidade é que ela melhorou, o ambiente pode deixar agente ainda mais doente, se você esta acompanhado de pessoas que só reclamam, ou enxergam as coisas com maus pensamentos, você só vai piorar. (8)

O medico não cura a depressão. O que cura a depressão é o ambiente, ela não dói nada é o diabo que traz ela para o corpo da gente, se você esta ao lado de pessoas que não reclamam e que te tratam bem você acaba melhorando.

Anexo 2: entrevista com a psicóloga Ana Pereira Honda, sobre o cotidiano do senhor “Jorge Domingos”. Hoje, 26 de julho de dois mil e treze, tentaremos através desta entrevista entender como pode ser compreendido, o comportamento do senhor “Jorge domingos”, nesta casa de repouso. Para tanto, utilizarei a fala da psicóloga desta casa: a senhora Ana Pereira Bueno Honda, como segue abaixo:

Senhora Ana, primeiramente bom dia, estamos aqui para tentar entender um pouco mais sobre o senhor José, durante sua estadia nesta casa de repouso, desta forma nossa primeira pergunta se refere ao e quais aos motivos que o trouxeram para cá?

- o motivo foi o seguinte, ele morava numa casa ele e uma sua senhora, mais ou menos de sua idade, (até aparentava ser mais velha), e o que aconteceu com ele: as pernas dele paralisaram e sua esposa cuidava dele, só que ela foi se cansando, e como já havia um conflito entre eles. Este conflito se deve ao fato de ele ser bastante sistemático, pois ele tem uma personalidade muito forte. E sua função durante sua vida enquanto trabalhador colaborava para esta personalidade, pelo o que sabemos o senhor José era mestre obras, trabalhava na construção civil, além disso, se tornou dono de um grande patrimônio e tem outro fator, ele não tem filhos biológicos acredito que isto fez com que seu comportamento se enrijecesse, a única coisa que sabemos é que ele possui filho adotivo. Inclusive seu enteado é uma das poucas pessoas que fazem parte da família que faz visitas a ele.

Tem vários fatores que podemos estudar para compreender seu comportamento nesta casa de repouso, um deles como já estamos estudando é a convivência conflituosa que o mesmo teve com sua família durante a vida sua vida familiar.

Analisando sua família, seu enteado deixou bem claro numa conversa que tive com ele, que durante a vida seu pai trabalhou muito e desde pequeno o fez trabalhar também, inclusive carregando saco de cimento nas costas. Além disso, em casa ele era bastante rígido, causando certo afastamento de sua família em relação a qualquer tipo de afeto com o mesmo.

Tudo isto relatado descreve seu comportamento neste Lar, podemos analisar que ele não faz questão de se relacionar com os outros moradores desta casa, o que deste início Chamou bastante a atenção de todos nós, porem com o passar dos dias descobrimos que sua seu comportamento sempre foi desta maneira, bastante fechado, ele se fecha dentro dele mesmo.

Analisando isto percebo que ele não aceita inúmeras coisas em sua vida, inclusive o fato de estar internado neta casa, porem ele prefere se trancar dentro de si para não expor suas magos. Ele só fala abertamente de sua vida quando ele fala dos bens materiais que adquiriu durante sua vida, me parece que ele possui inúmeras casas na cidade, e o fato de não poder estar administrando seus bens faz com que ele se sinta inútil, pois acredita ele que ele deveria esta cuidado daquilo que durante a vida ele conquistou.

Outro motivo que faz ele se sentir angustiado é o fato de não poder andar, quando o fisioterapeuta relatou que ele não poderia mais andar, percebemos que sua vontade de viver diminuiu, pois ainda acreditava que um dia ele poderia sair daquela casa para cuidar de sua família, e agora sem andar, parece que ficou claro que sua permanência nesta casa de repouso é já é um fato consumado.

Além disso seu filho em uma de suas visitas deixou bem claro que sua permanência neste lugar já era algo que ninguém mais se discutia.

Analisando seu comportamento após a noticia que não andaria mais e que sua permanência nesta casa já era algo indiscutível, percebemos que este senhor se trancou ainda mais dentro de si, inclusive

passou a desenvolver um novo comportamento o de fica o dia inteiro, com o rosto coberto por um edredom, (ale de usar uma touca em sua cabeça.) “Analisando de maneira clinica, este comportamento. Parece que o fato de utilizar um edredom na cabeça pode ser entendido como se o ele não quisesse mais enxergar as coisas do mundo, assim independente do tempo, (se esta frio ou calor) encontraremos este senhor sempre desta mesma maneira: de cabeça coberta.”

Cobrando a cabeça ele se esconde da realidade, além disso, passa a sofrer menos diante da mesma. “Aparentemente, parece que ele encontrou uma fuga da realidade, e com isto, parece que ele encontrou um grande conforto, se livrando das coisas do mundo passando a viver de baixo de um edredom o dia todo.”

. E tudo isto podemos entender que em longo prazo não será nada bom para ele mesmo. E este sofrimento tem duas vias: a primeira é a conseqüências que isto trará para seu organismo em longo prazo, podemos chamar de conseqüências orgânicas. E o segundo, se deve a não aceitação de sua realidade.

Outro fator intrigante deste senhor é o fato de que se você não o conhecer pessoalmente ou não ter um contato mais próximo com ele aparentemente ele parece ser bastante antipático, principalmente pelo fato de esta o tempo todo isolado em seu canto com a cabeça coberta, porem quando paramos para conversar com ele ai é que nossa surpresa é ainda maior, pois ele aparenta uma personalidade bastante comunicativa. Além de ser comunicativo, ele tenta te deixar a o tempo todo à-vontade, fazendo brincadeiras, e na maioria das vezes agente ri o tempo todo com ele, percebemos que ele é bastante carinhoso, acredito que o fato de ter trabalhado durante toda sua vida, fez com que as pessoas o cercaram, não conhecesse este lado carismático, porem, estado agora em uma situação de repouso constante faz com sua carência aumente, deixando com este conflito existencial de não ter aproveitado os bons momentos com sua família devido ao excesso de trabalho durante sua juventude.

Não poder aproveitar os momentos com sua família, a maneira com que sua família o compreende (alguém que so priorizou o trabalho), e não usufruir dos bens adquiridos durante sua vida, são os fatores que mais interferem em sua vida e tudo isto associado ao fato de estar por aqui, faz com que sua angustia aumente ainda mais, para isto como já relatei o edredom cobrindo sua face serve como conforto diante de uma realidade tão cruel. Ele tenta cobrir aquilo que ele não quer aceitar.

Anexo 3: entrevista com a enfermeira Karen, sobre o senhor “ Jorge Domingos” realizada em 18 de Maio de 2013.

Como é o cotidiano deste senhor aqui no lar dos velhinhos fanfarrões?

Boa tarde, eu sou a Karen, enfermeira da casa de repouso, nos estamos funcionando há três anos e o senhor José esta conosco a 1 ano e seis meses. Ele viu de outra casa de repouso “Quando ele chegou, nós ficamos super preocupados com sua saúde, pois ele se encontrava bastante fraco, magro, bastante extremamente caquético e não falava quase nada. Extremamente caquético, e nos ficamos bastante preocupados e o levamos ao pronto socorro da cidade de Mairiporã. No intuito de passar uma sonda para alimentá-lo. Lá, eles fizeram exames de sangue afirmaram que ele não tinha nada mais grave assim o trouxemos para cá afim de cuidá-lo.

Hoje percebemos que sua saúde melhorou bastante, ele é uma pessoa super comunicativa, ativo. O único problema é que ele gostaria de andar e percebemos que isto o incomoda.

E a historia que a gente sabe é que ele era casado.

Anexo 4: Entrevista com o filho: senhor Benê e a nora da senhora conceição:

“Eu achei que foi melhor trazer ela para, cá por uma melhor qualidade de vida, pois em casa eu cuidava, mas como eu tinha meus a fazer e meu marido trabalhava muito, acabávamos não dando a atenção necessária: eu não podia ficar do lado dela direto, e ela abava dormindo o dia inteiro.”

Ela tem Alzheimer e a doença dela não melhorou, mas seu bem estar é bastante evidente...

Em casa ela chegou a cair uma vez, o que nos fez trazê-la de uma vez pois ela precisa de ser acompanhada o tempo todo.

Em qual momento vocês perceberam que ela estava com Alzheimer?

Antes de termos o diagnostico medico, nos começamos a observar que ela repetia muito as coisas: ela falava uma coisa agora e daqui a pouco ela repetia a mesma coisa e as vezes esquecia o que havia falado com bastante facilidade.

Ela teve dois filhos, um faleceu no ano de 2003 períodos ainda que ela não fosse doente, agora ela só tem meu marido, inclusive ele sofreu bastante neste período diante de tal situação.

Quando ele percebeu que ela estava ficando doente ele ficou bastante sensibilizado, ele não queria sair do lado dela, ele ficava o tempo todo assistindo e lhe fazendo companhia... E ele é que sofria mais principalmente quando ele tinha que dar banho nela. Por ser filho ele ficava bastante constrangido, mas ele não conseguia encontra ninguém que cuidasse dela.

Senhor Benê, como você entende que esta sua mãe hoje aqui neste lar para idosos?

Ela foi internada, porque como já foi falado, ela fazia necessidade no chão não tinha quem cuidar dela, e como eu trabalho, não tinha nem quem dessa comida para ela, e por outro lado ela não aceitava ninguém dentro de casa mesmo que fosse cuidar dela. Hoje o quarto dela esta lá fechado nem sei como esta pois não consigo entrar lá por causa das lembranças.

O fato de nos dar trabalho para limpar, não era o que importava o mais motivou sua internação foi o fato de agora ela ter companhia constante,

Pelo que eu percebi, nos dias que estou aqui percebo que o senhor faz questão de acompanha La isto é fato?

Eu venho todos os dias, não consigo no meu tempo livre deixar de visita La.

Quando perguntado como foi para ele a internação de sua mãe ele responde de maneira enfática: eu não queria, tentei de todas as maneiras cuidarem dela, mas os vizinhos e parentes começaram a anos aconselhar pois percebiam que já estávamos entrando em colapso. E ai, nos quinze primeiros dias eu ainda sentia falta de presença da minha mãe em casa, foi um período bastante dolorido,

E de maneira espontânea ele complementa: “até hoje não me acostumei”... em seguida sua esposa complementa: eu pensei que teria que correr com ele para o hospital...

Como ele cuidava constantemente dela ele já estava acostumado com esta rotina.

Houve um período que eu contratei uma moça apenas para fazer companhia para minha mãe, mas minha mãe começou a falar que a mulher estava roubando as coisas dela. E chegou ao ponto da minha mãe tentar agredir a moça.

Às vezes ela pegava a bengala e queria me bater afirma a senhora...

Em que ano que ela nasceu?]

Em 1940, sua vida não foi ruim meu avo era dono de sitio, e lá tinha gado, meu avo também era dono de um cortiço era assim que ela chamava as casas e de aluguel do meu avo!

Após a morte de meu avo. Ela se casou minha mãe, foi faxineira e meu pai trabalhava de pedreiro.

Hoje fico mais tranqüilo em saber que minha mãe está bem cuidada neste espaço, aqui ela se distrai da maneira dela, e não fica dormindo o dia todo como ficava antes em casa.

Anexo 5: entrevista com a psicóloga Ana Pereira Bueno Honda, sobre dona Conceição:

A Dona Conceição foi trazida para nós, sem possibilidade de retorno para sua casa, um dos motivos era seu excesso de peso, além da falta de coordenação motora, estes dois fatores foram decisivos para sua internação. Conversando com seu filho descobrimos que a família tentou todas as possibilidades de mantê-la junto com a família, porém além das duas dificuldades o peso e a coordenação ela também possui Alzheimer. Em um grau bastante elevado, levando a tomar medicamento todos os dias para controlar seu comportamento. Quando ela chegou para nós, ela era bastante agitada, falando bastante, gritando pela presença do filho, ela ficava o tempo todo inquieta: no mesmo tempo que ela punha sua roupa ela queria tirar ao mesmo tempo, e outra ficava o tempo todo chamando seu filho.

E quando nos tentávamos aconchegá-la ela demonstrava uma enorme educação. Lembro de uma vez que ela estava em uma destas crises de chamar pelo nome do filho, e ao me aproximar percebi que ela estava sem sua blusa de frio e à ajuda lá a colocar a blusa percebi que seu comportamento havia mudado deixando de gritar e passou a agradecer constantemente minha ajuda: lembro-me até agora de como agradecia: “obrigado minha filha deus te ajude obrigado” isto enquanto psicóloga me deixou bastante curiosa, a mudança repentina de comportamento não é tão comum em pessoas desta faixa etária. Ao mesmo tempo em que ela estava intrigada, ela volta para a realidade e corresponde ao que está ocorrendo no momento pode entender isto como o ir e vir da memória, atitude bastante comum em pessoas que sofrem de Alzheimer.

Ela veio para cá, porém seu filho, o senhor... Parece mentira, mas ele vem todos os dias visitar ela, percebeu que quando ele chega sua mãe fica bastante calma. A presença do filho, e sua constante visita fazem com seu cotidiano aqui neste ambiente seja menos sofrível, nestes casos a presença da família, o acompanhamento neste ambiente é fator decisivo, para manter uma boa saúde mental dos idosos. Porém na maioria dos outros casos desta casa de repouso, os familiares dificilmente aparece, ou acompanham o bem estar de seus pais.

Temos um exemplo aqui de abandono por parte da família, não citarei a seu nome por questões éticas, mas a senhora... , quando chegou era bastante lúcida, e entendia tudo o que estava ocorrendo com ela até o momento: ao que parece ela tem apenas um filho, e este ao se casar passou a ter uma péssima convivência com sua mãe e somado a sua idade avançada este optou por trazer sua mãe para este casa. Apesar de ter uma idade bastante avançada a senhora X apresentava uma lucidez bastante tranquila, porém ao perceber que havia sido deixada neste ambiente, (podemos dizer até mesmo abandonada por seu filho), passou a desenvolver uma realidade paralela, notamos que ao passar dos dias ela se comportava durante todo o dia como se estivesse regendo uma orquestra, as vezes ficávamos assustados e preocupados com tal situação porém ao recorrer ao seu filho, este deixou claro que ela nunca havia tido nenhum tipo de relação com a música, principalmente música clássica, e é por isto que sempre que você estiver por aqui pode reparar o rádio tem que ficar ligado o dia todo e durante todo o dia ela apresenta o mesmo comportamento, isto a psicologia clínica costura chamar de Válvula de Escape.

A realidade destes Idosos às vezes se torna tão insuportável que eles preferem não enxergá-la.

Por isto destaco que o acompanhamento familiar é fator decisivo para o bem estar destes idosos aqui no lar.

Quando abandonado, independente a saúde, (se é boa ou não no momento da internação), seus dias tenderão a diminuir, muitos desenvolvem doenças que em poucos dias os fazem adoecerem e chegar a até a morte.

A dona... Tem uma excelente saúde seu filho não perde um dia sem visitar a mãe, é um dos casos que mais chamam atenção inclusive no seu aniversário, na semana passada ele trouxe um bolo e todos nos cantamos parabéns para ela.

Anexos de imagens: atividades de lazer e recreação na casa de repouso, Lar Dos Velhinhos Fanfarrões.



